



DEBOUT LES MORTS

EPISÓDIOS DA GRANDE GUERRA
NA PRIMEIRA PESSOA



DEBOUT LES MORTS

EPISÓDIOS DA GRANDE GUERRA
NA PRIMEIRA PESSOA

Coordenação:

Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues
Tenente-coronel António Porteira de Almeida
Jorge Henrique Martins

Coordenação

Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues
Tenente-coronel António Porteira de Almeida
Jorge Henrique Martins

Transcrição

Tenente-coronel António Porteira de Almeida
Jorge Henrique Martins

Revisão

João Nuno da Horta
Jorge Henrique Martins

Capa

Expedicionários de 1939-1945
José Joaquim Ramos
Óleo sobre tela, 164x150cm
Salão Nobre na sede da Liga dos Combatentes

Imagens

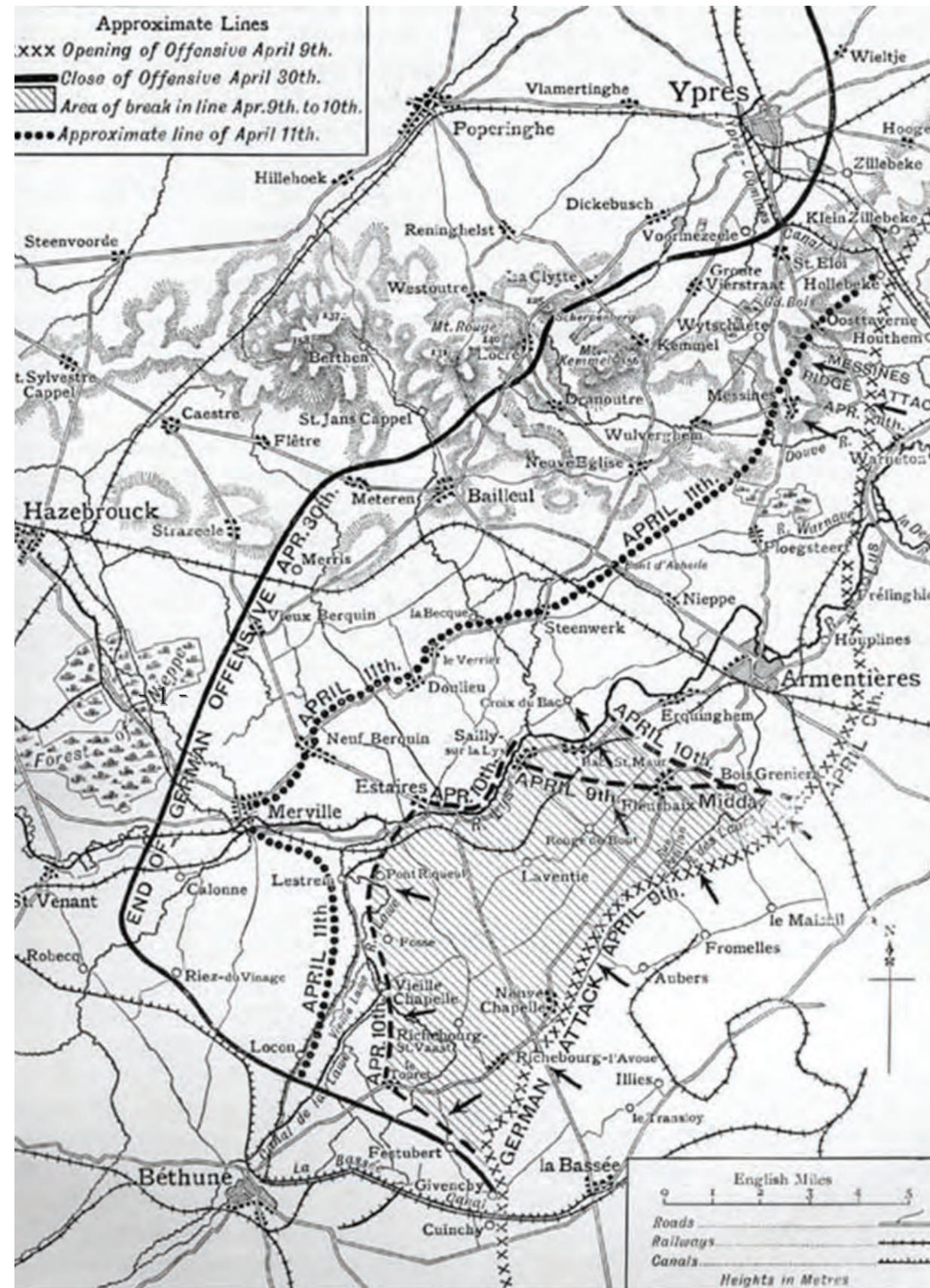
Acervo fotográfico da Liga dos Combatentes

Edição

Liga dos Combatentes, 2019

Depósito legal n.º
ISBN

Direitos reservados
Liga dos Combatentes



Linhas aliadas na Flandres durante as ofensivas alemãs (9 a 30 de Abril de 1918)

EXÓRDIO

A Evocação do Centenário da Grande Guerra foi um período de reflexão sobre momentos dramáticos da História da Europa em que Portugal também participou. O país inteiro, desperto pela comunicação social, nomeadamente a Televisão, pela acção da Comissão Evocativa do Centenário da Grande Guerra, pela Liga dos Combatentes, pelas Forças Armadas e alguns órgãos de soberania e algumas instituições de relevo, aprofundou o conhecimento sobre a chamada Grande Guerra.

A Liga dos Combatentes desenvolveu pelo país e pelo estrangeiro mais de quatrocentos eventos, durante os quatro anos de evocações do centenário. Aliás, na linha orientadora desde a sua criação.

De facto, desde a sua primeira Assembleia-geral, em 16 de Outubro de 1923, que iniciou a evocação do Armistício, em 11 de Novembro de 1923, e a evocação do 9 de Abril em 1924.

Desde aí, até hoje, jamais deixou de evocar este dia em cerimónias significativas, com o apoio das Forças Armadas e dos governos do país.

No primeiro Relatório da L.C.G.G. de 1923-1928 pode ler-se: “Um dos primeiros actos da Liga foi, pois, quebrar esse silêncio. Em nove de Novembro de 1923, isto é, quando nem tinha ainda os seus estatutos publicados, resolveu a Direcção festejar o dia onze próximo, data do Armistício. Foi uma sentida manifestação de preito e de saudade pelos nossos irmãos de armas que tomaram para sempre em holocausto ao dever, mas que teve o mérito de marcar entre nós o início da glorificação dos heróis mortos... Graças a estas providências conseguiu-se que a data do Armistício, que em anos anteriores passava

despercebida fosse solenizada em quase todo o país.”. E assim continuou até hoje, tendo a evocação do centenário do Armistício, em 11 de Novembro de 2018, constituído uma manifestação nacional, com um grande e inédito desfile militar na Avenida da Liberdade, junto ao Monumento aos Combatentes da Grande Guerra, presidido por sua Ex.^a o Presidente da República e cerimónias locais, no país e no estrangeiro, nos 121 Núcleos da Liga dos Combatentes. Por outro lado, o mesmo relatório refere, no que diz respeito ao 9 de Abril de 1918, dia da Batalha de La Lys: “A Batalha de La Lys foi celebrada pela primeira vez em 1924, passando a simbolizar de então para cá o “Heróico Esforço da Raça”... Esta primeira comemoração da Batalha de La Lys foi simples, mas tocante. O local destinado ao monumento aos Mortos da Guerra foi literalmente coberto de flores que a Liga, contingentes da guarnição, combatentes estrangeiros e muitos particulares, ali foram depor, em homenagem ao sacrifício sobre-humano do soldado português... Na Batalha as cerimónias revestiram-se de uma singular grandiosidade. Em frente da campa rasa do Soldado Desconhecido falou o delegado da Liga, Faria Affonso; e depois da assistência a ter juncado de flores, procedeu-se à emocionante cerimónia do acender do Lampadário que há de iluminar noite e dia, pelos tempos fora, as sagradas abóbadas da Sala do Capítulo”.

E assim se cumpriu e assim se cumpre. Trouxemos connosco, até hoje, a memória daqueles que foram a razão de ser da nossa fundação, como instituição patriótica e humanitária. Honramo-nos por sentir que continuamos a preservar também a memória daqueles que

caíram na Guerra do Ultramar e dos que já caíram nas Operações de Paz.

Muitos, interessantes e importantes livros se escreveram agora sobre a Grande Guerra. Importará continuar a escrever, agora sobre o regresso e as consequências da guerra, não só para o país, mas para os combatentes regressados e a sua inserção na sociedade que encontraram, bem como a resposta patriótica e humanitária conseguida pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra. A não ser no período do pós-guerra, não temos conhecimento de que a sociedade portuguesa, intelectual ou não, se tivesse debruçado, como agora, sobre este período da História. Antes pelo contrário. Parece ter sido deliberadamente esquecido.

A Biblioteca da Liga dos Combatentes, uma das melhores do país no âmbito da Primeira Guerra Mundial, viu o seu espólio enriquecido, nestes últimos quatro anos. Foi nas profundezas dessa Biblioteca que deparámos com dois volumosos arquivos por editar, amarelados por oitenta e três anos de espera, compostos por folhas manuscritas umas e dactilografadas outras que continham testemunhos e relatos pessoais de vivências da guerra. Um volume compilado em português e outro volume em francês. Numa análise mais detalhada concluímos que nos anos trinta, Jacques Péricard, que se encontrava a executar um plano para fazer a história da guerra, com base em depoimentos na primeira pessoa, solicitou à Liga dos Combatentes elementos sobre a participação portuguesa naquele conflito. A Direcção da Liga recolheu e preparou um conjunto significativo e diversificado de vivências, as quais compilou em português e francês.

Acontece que sobre a primeira página do arquivo que contém os textos em português pode ler-se: “Jacques Péricard faleceu”. E o trabalho desenvolvido com a finalidade referida, ali ficou retido e sem qualquer andamento. Da sua difícil leitura, com base em cartas

manuscritas, relatando os acontecimentos, ou escritos dactilografados com máquinas do princípio do século, foi possível extrair com fidelidade, passagens impressionantes da verdade da guerra.

Não é um livro de estratégia ou de tática. Não é um livro dos Grandes Chefes e da sua acção no conceito e execução da guerra. É um livro de testemunhos humanos, do soldado, ao sargento e ao oficial que relatam a sua história, o seu momento, o seu sofrimento, o seu regozijo, a sua verdade, a sua doença, o seu cativo. Na frente da batalha, na retaguarda, nos campos de prisioneiros, nos hospitais, na vivência do dia-a-dia, com ingleses, alemães, belgas, franceses...e também francesas, bem como com a sociedade civil com quem conviveram.

Por isso, em homenagem a esses homens que caíram e aos que sobreviveram e então nos puderam relatar como e porque sobreviveram, decidimos retirar do pó da Biblioteca esta História da Guerra na primeira pessoa, organizar e coordenar a publicação de uma obra inédita e dar ao livro resultante, como título, a célebre frase com que o combatente francês Jacques Péricard, impulsor desta iniciativa nos anos trinta do século passado, entusiasmava e enaltecia os franceses: - *Debout les morts!*. Com a publicação deste livro contribuiremos certamente para que os militares e civis mortos na Grande Guerra, continuem... de pé.

Essa homenagem é feita em nome do milhão de homens que, igualmente, de 1961 a 1975, se bateram de armas na mão, em África e na Índia, e dos que se batem no Ultramar de hoje, nas Operações de Paz e Humanitárias pelas mesmas razões patrióticas e de dever a cumprir.

DEBOUT LES MORTS! - Mortos de Pé, é uma síntese reveladora de um estado de alma permanente quer dos combatentes que com eles se bateram e sobreviveram, quer dos ci-

dadãos conscientes dos valores, pelos quais aqueles deram a vida. Na Liga dos Combatentes, entre os seus membros o sentimento é o mesmo, digamos mesmo estatutário e tem reflexo na atitude, na cerimónia, no dia-a-dia. Quando nós chegamos, perante o túmulo de um soldado desconhecido, na Batalha ou em Belém, ou quando perante qualquer cerimónia nacional ou local ouvimos o toque de silêncio, seguido do toque de mortos em combate, de uma prece em silêncio e logo o toque da alvorada, eles estão a nosso lado ... De Pé! Quando em qualquer cerimónia religiosa se evocam os mortos eles estão a nosso lado ... De Pé! Neste momento que escrevo e no momento em que me lerem, eles estarão a vosso lado... De Pé!

Os que sobreviveram e testemunharam os horrores e sacrifícios por que passaram, uns viram os seus pensamentos tornados públicos, outros deixaram muitas vezes os seus escritos no fundo de uma gaveta de família. Outros ainda terão sido solicitados a descrever as suas vivências tendo em vista a sua publicação, mas que nunca viria a acontecer!

A evocação do Centenário da Grande Guerra deu origem a muitas publicações, conferências e exposições dando àquele período da nossa História uma visibilidade nunca antes alcançada.

O verdadeiro grito com que nos deparamos na leitura da documentação, oriundo dos escritos de Jacques Péricard, na frase *Debout les Morts!*, levou-nos quer pela sua força, quer pelo seu simbolismo, a usá-lo como título deste livro e assim prestarmos homenagem a quem se lembrou que um punhado de portugueses se bateu em Franca, pela França e pela Liberdade da Europa. Queremos igualmente, finalizar uma intenção de dirigentes da Liga dos Combatentes da Grande Guerra que ficou suspensa durante oitenta e três anos e a qual agora damos vida pública homenageando aqueles que então vivos, do soldado, ao sargento

e ao oficial transmitiram ao papel, na primeira pessoa, aquilo por que passaram na frente de combate, na zona de retaguarda ou no cativo.

São testemunhos pessoais, inéditos. Fora das grandes políticas e de grandes conceitos estratégicos. Fora das Teorias dos Grandes Chefes, mas muito dentro do humano, do realismo do dia-a-dia do combatente, do doente, do prisioneiro.

Damos voz a quem não teve voz e através dela, escrevendo, transmitiram aquilo que oitenta por cento deles gostariam de ter escrito, mas não o sabiam fazer por serem analfabetos. É a estes que também damos voz com esta publicação.

A Liga dos Combatentes, no âmbito do Programa Fim do Império, o qual se tem debruçado sobre as causas, a Guerra do Ultramar e suas consequências, presta homenagem àqueles que, cinquenta anos antes, quer em França, quer em Angola e Moçambique, se bateram pelos mesmos objectivos nacionais ao serviço das Forças Armadas portuguesas no cumprimento de missões então politicamente consideradas de interesse nacional fundamental.

DEBOUT LES MORTS!

O Presidente da Liga dos Combatentes



Joaquim Chito Rodrigues
Tenente-general



Mensagem do Presidente da Liga dos Combatentes
Cerimónia de Evocação do Centenário da Batalha de La Lys
- 9 de Abril de 2018 -

LA LYS, UMA MEMÓRIA COM 100 ANOS



Joaquim Chito Rodrigues
Tenente-general

Nós, combatentes do Ultramar e das Operações de Paz, devemos ser, e somos, os primeiros portugueses a compreender o sacrifício e valor daqueles que se bateram durante a Grande Guerra em África e na Flandres. Ao pronunciarmos a expressão La Lys evidenciamos respeito e profunda homenagem ao sacrifício de um povo e dos seus soldados.

A coragem e a determinação de uma juventude que, ao serviço das Forças Armadas portuguesas, se bateu em África e na Europa, num conflito que a História

designaria por Grande Guerra. A Batalha de La Lys pode ser considerada como um ex-líbris do combatente português do século XX e XXI. O Dia 9 de Abril de 1918 originou a inspiração que conduziria à sua evocação como Dia do Combatente. Por isso vos envio esta mensagem a qual nos ajudará a, em conjunto, em todos os lugares onde houver um Núcleo da Liga dos Combatentes, em Portugal e no estrangeiro, evocarmos esse acontecimento histórico, com um profundo sentimento de respeito pelos momentos difíceis passados por combatentes de então e suas famílias.

Marcar a evocação do centenário da Batalha de La Lys com uma cerimónia de homenagem é contribuir para a garantia da perenidade desse momento singularmente doloroso e heróico da História de Portugal.

Doloroso porque nele se misturou a morte de uns e o sacrifício e abandono de outros. Heróico porque o soldado português demonstrou ter ultrapassado as extraordinariamente difíceis condições de terreno, inimigo e de meios próprios, com que foi confrontado.

Com a sua actuação, participando numa derrota táctica aliada a que se seguiu uma vitória estratégica final, contribuiu, em ter-

mos nacionais, para a consolidação da República, a manutenção dos territórios coloniais e beneficiou das vantagens dos vitoriosos. Em todos os momentos do conflito sobressaiu o Homem. O Homem Soldado. O Homem sacrificado. Parece-nos, pois, correcto apresentar o Homem Combatente como o tema e a figura central do conjunto de acções que assinalam o centenário da Batalha de La Lys entre as quais as de hoje, 9 de Abril de 2018.

Não obstante na Grande Guerra terem surgido pela primeira vez equipamentos em Terra, no Ar e no Mar, como o carro de combate, a metralhadora, o avião e o submarino, armas sofisticadas do séc. XX e XXI, o que marca de facto a Grande Guerra é o emprego de massas humanas organizadas militarmente para o combate e a forma como conscientemente se aceitou o sacrifício total de milhões de Homens.

Hoje, cem anos depois, a evolução do pensamento político-militar, pela incorporação das experiências da I e II Guerras Mundiais e o evoluir da tecnologia, evidencia um grande apreço pelos direitos humanos e procura, sempre que entende necessário o emprego da força, fazê-lo com a garantia do número mínimo de bai-

xas humanas. Há décadas que a Liga dos Combatentes, com a presença das mais altas individualidades do Estado e das Forças Armadas, evoca o dia 9 de Abril de 1918, em cerimónias nacionais, em Richebourg e La Couture (França) e no Mosteiro da Batalha, junto ao Túmulo do Soldado Desconhecido, homenageando os combatentes da Grande Guerra. Promove pelo mesmo motivo, cerimónias locais nos 121 Núcleos espalhados pelo país e pelo estrangeiro. Igualmente há décadas que sucede o mesmo a 11 de Novembro evocando o Dia do Armistício.

A Liga dos Combatentes nascida precisamente após o final da Grande Guerra com os objectivos de promoção dos Valores superiores do país e a prática da solidariedade para com os combatentes, famílias e órfãos da Grande Guerra e que hoje continua lutando pelos mesmos patrióticos objectivos, relativamente aos combatentes da Guerra do Ultramar e das Operações de Paz e Humanitárias, agradece à população local e aos seus dirigentes, o terem acedido a participar na evocação do centenário da Batalha de La Lys. Valioso contributo para que a memória dos portugueses continue a mantê-los vivos.~

Um apelo aos Combatentes da Grande Guerra

Dr. Hernâni Cidade

Sempre que sentimos pairar voracidades, a cada passo renovadas, sobre um património colonial que é dos poucos que não foram ganhos na tavolagem das conferências internacionais, porque o arrancámos à treva de há 4 séculos cobria o planeta, para uma actividade civilizadora que não pode ser acusada nem de preguiçosa nem de ineficaz, é natural que o nosso indignado espanto repita a pergunta: - Demos, de 1916 a 1918, à causa da justiça e do direito nas relações internacionais, uma solidariedade que nos custou muito esforço e muito sangue e tudo isso terá sido inútil? Apenas de tal sacrifício a nossa ingenuidade terá recolhido a amarga lição das ilusões desfeitas? Dir-se-ia, na verdade, que as dificuldades do após-guerra apagaram no espírito das nações a memória do significado moral da formidável tragédia. Assim, bem parece terem falhado esperanças e conjecturas feitas sobre uma base que ruiu: a da estabilidade da moral colectiva, na fundamental estabilidade do mundo político e social. Porque jamais, tanto como agora, os nacionalismos pareceram fechados a qualquer forma de solidariedade que não seja a imposta pelas ásperas exigências materiais do «momento que passa», nem em grau assim alarmante se afiguravam fáceis de sacrificar, aos interesses temporais, a generosidade dos princípios e a nobreza da coerência por que é necessário se exprima também a honra dos povos. Isto de «honra dos povos» não parecerá literatura, quero crer. Há, de facto, no património das ideias que traduzem a dignidade da nossa civilização a convicção de que a honra não constitui exclusivo ideal e norma dos indivíduos.

Se bem que a moralidade do Estado não possa erguer-se acima da modestíssima média



Dr. Hernâni Cidade

Presidente da Liga dos Combatentes (1931-1934)

moral dos cidadãos que o integram, basta que o constituam «cidadãos», isto é, «homens» no sentido mais compreensivo da palavra, com necessidades de estômago, mas também com interesses de espírito, para que o conceito ético que dele formemos não possa ser o de uma simples associação de egoísmos animais. Ora, nos tempos que correm, no domínio dos factos e até, o que é pior, no de muita doutrina aplaudida, bem parece que tal conceito apenas encontre oposições que ameacem destruí-lo. E nada de modo mais desesperante fortalecerá esta suspeita, do que a postergação, fácil como jamais, de «solidariedades de princípios», sagradas pelos mais trágicos sacrifícios, em benefícios de solidariedades exclusivamente de interesses transitórios e materiais. Tudo, portanto, terá sido inútil? Repito. Repito. Do formidável cataclismo apenas terá resultado o exaspero daqueles mesmos egoísmos que o desencadearam? Seja como for, não é inútil, ao menos como protesto da dignidade do «direito» contra a bruteza do «facto», rememorar os momentos em que nos batemos e sofremos por uma vida colectiva de mais humana elevação. E eis porque vou chamar a atenção dos meus camaradas da Grande Guerra para o que segue: Jacques Péricard, o combatente francês que há pouco nos visitou e que em Ver-

dun voltou, a reanimar para novo arranco os poucos sobreviventes que, depois de recontro sangrento, o rodeavam, a frase de tão gloriosa retumbância: *Debout les morts!*, escreveu sobre a heróica defesa daquela cidade um livro de singularíssima concepção: constituem-no, não as operações estratégicas dos chefes ou a retórica grandiloquente dos heróis de retaguarda, mas os depoimentos «vivos», comovidos de sinceridade, flagrantes de humaníssimo realismo, de quantos mais fundamente a tragédia removeu, qualquer que haja sido o seu posto e acção. Assim, ao lado do testemunho do General, estremece, às vezes numa simples frase, a impressão que para sempre se gravou na memória do simples *poilu*.

E a história, deste modo, assume toda a profunda beleza e todo o empolgante interesse da própria vida, como surpreendida «discretamente» nas inapagáveis emoções em que nas almas se continua a tormenta formidável que a encapelou e transformou. Péricard vai agora publicar um outro volume sobre *L'Artois - Les Flandres*, ou seja, a história daquela parte da tragédia que se estendeu do Somme até à fronteira da Bélgica. E empenhar-se em reservar aos portugueses o quinhão que lhes deve caber, certo de que, como ele diz, «o livro ficaria incompleto, se o Exército Português não tivesse nele a parte que merece». E como o livro de *Verdun* é colaborado por 6.000 combatentes franceses, muitos, repito, com uma rápida frase, simples, mas expressiva da sua mais funda e dolorosa experiência moral, reserva ele, aos portugueses, espaço para nada menos do que 500 depoimentos.

Ajudai-me, meus caros camaradas, colaborando todos, incita-nos Péricard, que é ao mesmo tempo o nome glorioso dum imortal combatente e dum jornalista e escritor distinto. Não é na obra dum homem que eu vos convido a colaborar, mas numa obra nacional. É agora, e não mais tarde, que nós po-

demos reunir em comum as nossas recordações. Dentro de vinte anos, estaremos bem disseminados. Mais tarde, é nesse livro que nossos filhos, nossos netos e a posteridade irão procurar a imagem verdadeira do Soldado Português na Grande Guerra. Poder-se-ão escrever, no decorrer dos séculos, centenas de histórias da Grande Guerra, nunca se poderá recomeçar a história da guerra pelos Antigos Combatentes, que vamos agora escrever juntos. Extraio este apelo do belo artigo que na *Revista Militar* publicou o Sr. General Ferreira Martins, que com o seu esclarecido patriotismo e o seu prestígio incontestado preside à comissão, constituída pelo Sr. Coronel Pires Monteiro e por mim, que se propõe organizar a colaboração portuguesa no livro de Péricard. Não podem os combatentes portugueses deixar de lhe corresponder. Os motivos invocados pelo distinto camarada francês serão, para tal, mais do que suficientes. Mas acrescem ainda, nesta nora turva de incertezas, os motivos impostos pela necessidade moral de fortificarmos, perante nós mesmos e perante os outros, respectivamente, a consciência e a força de direitos que não poderiam ter mais nobilitante origem nem mais incontestável justificação.

Porque o que constitui o nosso património de nação, em bens materiais ou espirituais, adquirimo-lo e desenvolvemo-lo pelo doloroso esforço de uma actividade que, em utilidade humana, pela de nenhum outro povo terá sido superada. Através dos séculos o temos, com sorte vária, procurado manter intacto o «nosso» sem o sequestrar à necessária convivência e colaboração alheia.

Seria revoltante de absurda injustiça que no-lo contentassem, neste momento, quando ainda não cicatrizaram as feridas do último sacrifício em que, mais uma vez, servindo o nosso interesse, igualmente servimos os interesses da civilização do mundo.~

Uma história da acção dos Portugueses na Grande Guerra

Ferreira Martins
General

Não é segredo para ninguém que a acção dos portugueses na Grande Guerra é quase ignorada no estrangeiro. Muita gente sabe que Portugal entrou na guerra, mas ninguém sabe ao certo o que fizemos na guerra. Esta verdade foi-nos ainda, há pouco, confirmada por um bravo Combatente, que alia à sua modesta simplicidade o culto simpático da sinceridade nas suas palavras.

Jacques Péricard, esse bravo Combatente que em Verdun imortalizou o seu nome, quando, para estimular o supremo arranco de poucos homens que comandava na defesa de um forte, soltou aquele grito que ficou histórico *Debout les Morts!*, esse herói da França, país amigo cujo solo foi regado pelo sangue português em 1917-18, dizia-nos quando, há pouco, nos visitou: «Não se sabe, nem mesmo em França, o que fizeram os portugueses na guerra, e é preciso que se saiba. É preciso fazer-vos justiça!».

E é Péricard, ele próprio, quem se propõe fazer-nos justiça. Concebeu Péricard uma história da Grande Guerra, realizada segundo um processo inteiramente novo: é a história apoiada, esclarecida, vivificada por numerosas narrações de Combatentes, que ele insere na respectiva altura no decurso da sua exposição dos acontecimentos.

Imagine-se o apaixonado interesse com que hoje seria lida a história das guerras de Napoleão se ela nos fosse contada, não por um arquivista de óculos, mas por milhares de infantas, de sapadores, de granadeiros, de cavaleiros, de artilheiros do Império, cujas memórias tivessem sido encontradas e compiladas.

Assim será a história da Grande Guerra, de Péricard, verdadeira compilação de memórias



General Luís Augusto Ferreira Martins

de milhares de Combatentes, cada um narrando sumariamente um episódio a que assistiu ou em que tomou parte: uma rendição movimentada, uma patrulha, um *raid*, um bombardeamento notável; um acto de bravura, de dedicação, de fraternidade; o sofrimento proveniente de um ferimento, do frio, da chuva, da lama, da fadiga; a apreciação do que se comia e do que se bebia, de como se vivia na trincheira ou no acantonamento; a impressão sobre os aliados que combateram junto de

nós ou dos inimigos quando deles nos aproximámos; etc., etc.

«Nada deve ser desprezado», diz Péricard, para permitir reconstituir a guerra em todos os seus aspectos. Combatentes de todas as Armas, médicos, enfermeiros, capelães, maqueiros, serventes e condutores das subsistências, dos transportes, das formações sanitárias, todos, enfim, tiveram ocasião de ver um aspecto especial da guerra e têm agora ocasião de o descrever. Assim publicou já Péricard um interessantíssimo volume histórico: *Verdun*, colaborado por 6.000 Combatentes dessa epopeia famosa que foi a heróica defesa de Verdun.

Assim vai publicar um outro volume que intitulará *L'Artois - Les Flandres*, história dos combates travados de 1914 a 1918, desde o Somme até à fronteira da Bélgica. Nesse novo volume tem a colaboração dos Portugueses o seu lugar reservado.

Não menos de 500 episódios contados por Portugueses, pretende Péricard coligir «para que a narração da guerra portuguesa seja viva», para que se possa reconstituir a atmosfera da nossa acção combativa na Flandres.

«O meu livro ficaria incompleto, se o Exército Português não tivesse nele o lugar que merece», diz-nos Péricard. «Ajudai-me, meus caros Camaradas, colaborando todos», exorta-nos Péricard. «Não é na obra de um homem que eu vos convido a colaborar, mas numa obra nacional. É agora, e não mais tarde, que nós podemos reunir em comum as nossas recordações. Dentro de vinte anos estaremos bem disseminados. Mais tarde, é nesse livro que nossos filhos, nossos netos e a posteridade irão procurar a imagem verdadeira do Soldado Português da Grande Guerra. Poder-se-ão escrever, no decorrer dos séculos, centenas de histórias da Grande Guerra, nunca se poderá recomeçar a história da guerra pelos Antigos Combatentes, que vamos agora escrever juntos».

A este apelo dum Camarada aliado e amigo que se propõe fazer justiça aos Portugueses, juntamos nós o nosso apelo ardente, patriótico, para que não falte na obra de Péricard a colaboração dos Combatentes de Portugal.

- *Camaradas, mãos à obra! Que nenhum dos combatentes em França deixe de contribuir para que seja feita, pela primeira vez no estrangeiro, inteira justiça aos Portugueses!*

Os Portugueses na obra de Péricard. Propõe-se Péricard no seu novo livro em preparação *L'Artois - Les Flandres* desenvolver pela seguinte forma a acção dos Portugueses na Grande Guerra: expondo primeiro, numa síntese geral, a intervenção militar de Portugal nos três teatros de operações terrestres: França, Angola e Moçambique, assim como a nossa acção no mar e no ar; dentro dessa síntese geral, caberá naturalmente dar maior relevo, em harmonia com o objectivo do autor, à nossa acção em França, quer do CEP, quer ainda dos nossos Aviadores ao serviço dos franceses; pormenorizada será depois, particularmente, a acção do CEP na Flandres, porque é essa que interessa em especial à intenção do livro definida no seu próprio título.

Para aquela primeira parte, de síntese geral, já a Secção Portuguesa da FIDAC forneceu a Péricard elementos oficiais ou officiosos que ele muito apreciou e que lhe permitirão escrevê-la com absoluta consciência e justiça. Mas essa parte será apenas o esqueleto a encher, a moldura a enquadrar aqueles 500 episódios que o autor pretende coligir e que têm de ser trabalho exclusivo dos Combatentes Portugueses da Flandres.

Não se trata, evidentemente, de cada um narrar a sua acção durante todo o tempo que serviu na guerra.

Durante esse tempo, porém, cada um terá fixado na memória, um, dois ou três factos especialmente marcantes, que mais tivessem impressionado o seu espírito. São esses factos

que narrados agora, por escrito, com a mesma simplicidade com que se contam em família ou na intimidade de Camaradas e de amigos, constituirão o recheio vivo, sentido, autêntico, daquele esqueleto, o quadro multiforme a encaixar naquela moldura habilmente trabalhada pela pena de Péricard.

As narrações pitorescas, divertidas, têm igualmente cabimento e valor. «Ajudam-nos a melhor compreender a alma portuguesa: uma das características da bravura do soldado português é, com efeito, o bom humor que soube conservar no meio das mais duras provas».

Aqueles que mal souberem escrever encontrarão alguém que os auxilie, mas não hesitem em narrar o seu episódio, que, quanto maior for a simplicidade da narração, tanto maior será a sua frescura, o seu interesse, o seu valor. Não importa que as narrações sejam curtas ou extensas: o espaço não escasseará no livro. Evidentemente não será para estranhar que algumas não possam ser reproduzidas na íntegra: o critério do autor não pode deixar de intervir na publicação, mas o amor-próprio de cada colaborador deve desaparecer perante o grandioso objectivo a atingir: a glorificação do Exército Português.

As várias narrações pessoais serão incorporadas no livro em letra diferente e cada uma será seguida da assinatura do seu autor. No fim do livro, estes colaboradores serão de novo inscritos numa lista alfabética indicando para cada um o posto e a unidade em que serviu na Guerra, indicações estas que, consequentemente, devem acompanhar cada um dos escritos originais. Nestes deve-se ter em vista a maior precisão. Não esquecer indicar, em cada narração, o local e a data, tão exacta quanto possível, em que se passou o facto narrado.

Não deixeis de tirar da sombra as belas acções devidas aos Mortos que foram vossos companheiros de armas. Se conheceis viúvas, órfãos ou parentes de soldados mortos na



Jacques Péricard (1915)

guerra, que deles conservem diários, apontamentos ou cartas interessantes, fazei-lhes saber que é ocasião de fazer justiça à memória dos seus Mortos, fazendo-os colaborar na história da guerra, tal qual como os sobreviventes e ainda com maior autoridade.

Se, por falta de tempo ou de reminiscências que a memória vos não faculte, não puderdes escrever uma narração, um episódio da guerra, não deixeis por isso de colaborar: duas ou três linhas, uma simples frase com uma impressão viva da campanha, bastará para vos desobrigardes do dever patriótico de contribuir para esta obra de justiça aos portugueses. Por vezes diz-se mais em duas ou três linhas do que em vinte páginas de narrativa.

O livro deve ser profusamente ilustrado como o anterior *Verdun* que existe na Liga dos Combatentes da Grande Guerra, oferecido pelo autor, um luxuoso exemplar que os nossos Camaradas poderão examinar.~

Visita a Portugal de Jacques Péricard

Será preciso fazer aqui o esboço da figura heróica do homem, que nas trincheiras revoltas de Verdun soltou, um dia, esse brado desesperado que ecoa na história como um toque de clarim - *Debout les morts!*, supremo e exaltado apelo às energias dos soldados que o nutrido fogo inimigo punha ininterruptamente fora de combate, feridos e exaustos?

Sendo sargento da reserva territorial, passou em 1914, a seu pedido, para as tropas activas, e com este posto foi incorporado nas primeiras unidades que partiram para o *front* a deter a invasão alemã.

Tomou parte nos principais combates que tiveram por teatro as duas margens do *Meuse*. Em 7 de Abril de 1915, estava Jacques Péricard, que ao tempo era Sargento-ajudante do 95.º Regimento de Infantaria de reserva, no *Bois Brulé*, quando um violento contra-ataque dos alemães sobre umas posições conquistadas na véspera, começava a fazer recuar os ocupantes. Os franceses cediam terreno sob a pressão violenta do inimigo. Este, aproveitando a confusão, começara já a entrar nas trincheiras perdidas no dia anterior. Então ele, reunindo à pressa algumas praças da sua companhia, atira-se para a frente num gesto de desespero heróico, soltando, no mais encarniçado da refrega, o grito célebre que o havia de immortalizar: - *Debout les morts!*

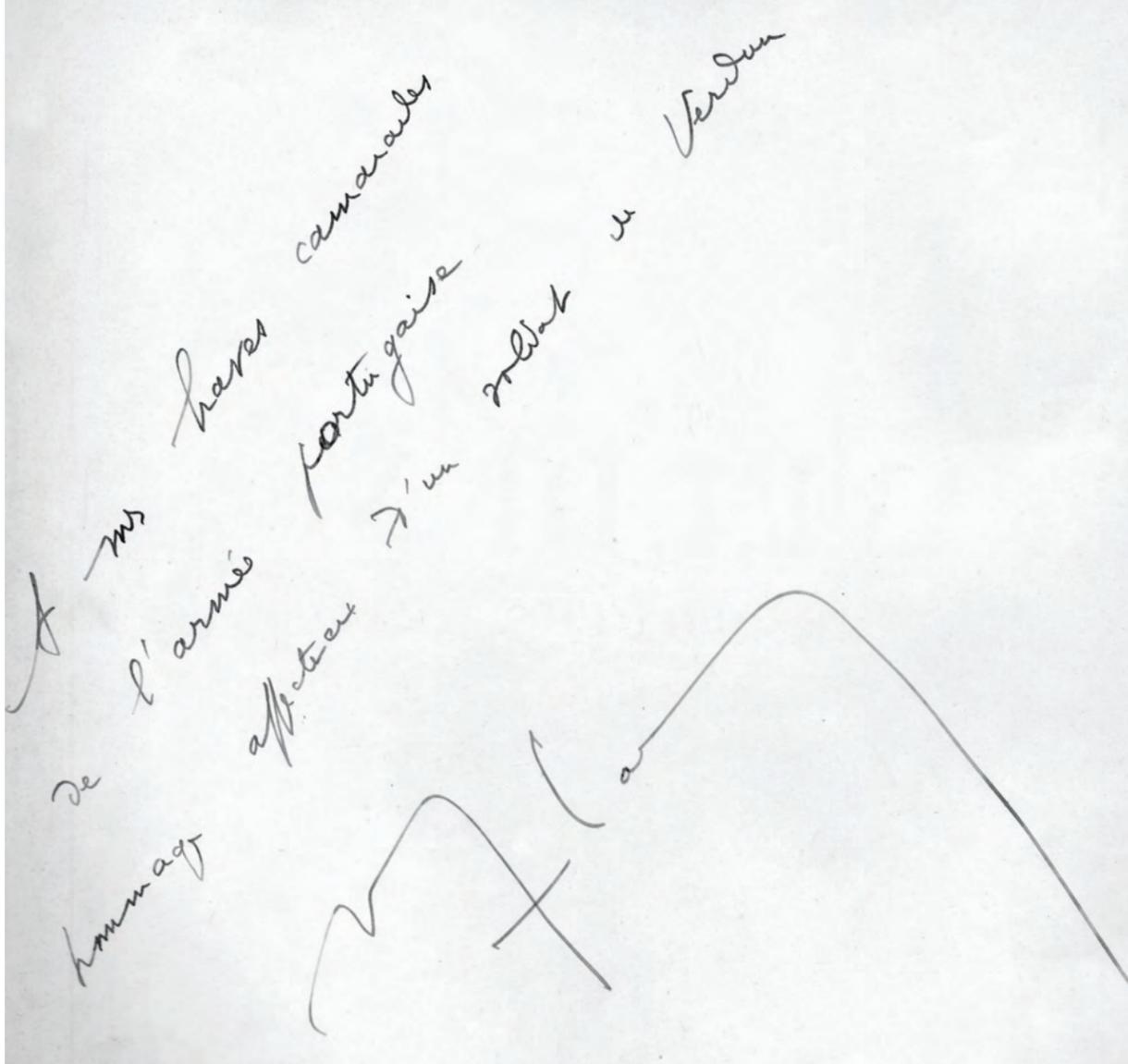
Grito e gesto não foram inúteis. Graças à sua intervenção os franceses cobraram alento, e o inimigo foi desalojado das trincheiras em seu poder.

Mas Jacques Péricard não é apenas um combatente com uma gloriosa folha de serviços. Escritor e jornalista ao estalar o conflito de 1914, à profissão das letras regressou quando, após o estabelecimento da paz, os soldados da França reentraram nos seus lares. E assim, foi

redactor de vários jornais, entre eles o *Intransigeant*, e deu à publicidade vários volumes como *J'ai cinq enfants*, *Contes pour mes enfants* e *Contes de Noël*.

Porém, como é natural, a melhor parte da sua actividade mental passou ele a dedicá-la à descrição da vida infernal desses quatro anos de tragédia que acabavam de findar, e a que consagrara já os volumes escritos durante a tormenta, *Face à Face*, *Pâques Rouges* e *Ceux de Verdun*, três obras coroadas pela Academia Francesa, hoje esgotadas. Publicou várias brochuras e colaborou em muitos jornais e revistas de combatentes. Mas o seu melhor trabalho, neste capítulo, foi sem dúvida alguma *Verdun*, obra em que ele ensaiou uma forma original de fazer o relato das grandezas e misérias da vida de trincheira.

Até então a narrativa dos vários episódios do conflito mundial, havia sido feita pelos homens de letras, profissionais uns, improvisados outros, mas todos dominados pela preocupação literária. Daí o artificiosismo, a frieza, a falta de expressão e de interesse de que enferma a maior parte da copiosa bibliografia nascida da guerra, de entre a qual emerge um ou outro livro onde o génio dos seus autores conseguiu triunfar da dificuldade de dar aparência de obra vivida a calmas lubrações de gabinete. Ora Jacques Péricard concebeu a ideia de fazer com que fossem os próprios figurantes do grande drama histórico, mesmo os mais modestos, mesmo os mais humildes, os narradores dos acontecimentos a que tinham assistido; e, com esses relatos, ingénuos, defeituosos de construção e por vezes brigando com as regras gramaticais, mas vivos, sinceros, palpitantes de expressão e de inconfundível realismo, constituir um livro que desse a imagem fiel do sofrimento da



Aos nossos bravos camaradas do Exército português. Homenagem afectuosa de um soldado de Verdun. Jacques Péricard

guerra, onde a secura da documentação oficial não fosse mais do que a ossatura do novo monumento erguido em louvor dos que se bateram. Assim nasceu *Verdun*.

Obteve aquele trabalho um autêntico sucesso de livraria. Encorajado por este resultado, pensou Jacques Péricard preparar um novo volume sob a mesma orientação, com o título *L'Artois - Les Flandres*, no qual teria papel primacial a descrição do esforço português no teatro europeu da Grande Guerra. Desta sua intenção deu ele conhecimento ao nosso camarada Hernâni Cidade, em carta de 6 de Julho de 1934, na qual lhe perguntava se via necessidade, para melhor resultado do seu intento, de vir a Portugal fazer uma série de conferências, em que mostraria qual a orientação do seu trabalho e exortaria os comba-

tentes portugueses a seguir o exemplo dos seus camaradas de França, contribuindo eles próprios com os subsídios que haviam de servir para se escrever a história verídica da parte que ao seu país pertencia no sacrifício comum.

O nosso camarada Dr. Hernâni Cidade, que já naquela altura havia deixado de ser o Presidente da Liga, deu conhecimento do teor da referida carta ao General Ferreira Martins, ilustre Presidente da Secção Portuguesa da FIDAC, o qual, por seu turno, o transmitiu à Comissão Central Administrativa. Ponderou esta Comissão o alto valor patriótico que uma publicação como a que Jacques Péricard pensava levar a cabo, representava, e resolveu dar todo o seu concurso a esse empreendimento.

Em sessão de 13 de Fevereiro de 1935 trocou a C.C.A. impressões sobre este assunto. E as-

sente a vinda a Portugal do autor de *Verdun*, foi resolvido colher os elementos necessários, junto de alguns núcleos associativos e de outros organismos, para se estabelecer a melhor forma dessa visita se realizar. Foi o nosso camarada Faria Affonso, coadjuvado pelo General Ferreira Martins, a pessoa encarregada de obter todos os elementos precisos.

Aquele senhor pôs-se imediatamente em contacto com as Agências de Coimbra e Porto, com as Associações dos Antigos Combatentes belgas e franceses residentes em Portugal, e com a Sociedade de Geografia; e, depois de vária troca de correspondência, tinha a C. C.A. assegurados os meios morais e materiais necessários à vinda a Portugal de Jacques Péricard, o qual realizaria três conferências, uma em Lisboa e as restantes naquelas duas cidades. Em vista disto, foi comunicado ao nosso camarada Máximo Brou, presidente da Agência Geral de Paris, que podia convidar oficialmente o glorioso autor de *Verdun* a visitar Portugal, o qual seria, durante a sua estada entre nós, hóspede da Liga dos Combatentes. O nosso camarada Máximo Brou comunicou à Liga, em um ofício de 23 de Março, que aquele senhor aceitara o convite, marcando a sua chegada a Lisboa para 7 de Abril, o que lhe permitia assistir às cerimónias do dia 9 como os dirigentes da L.C.G.G. pretendiam.

Em sessão de 4 de Abril reuniam-se os membros da C.C.A. conjuntamente com os nossos camaradas General Ferreira Martins, Dr. Hernâni Cidade, Comandante José Cabral e Dr. Cortez Pinto, da Secção Portuguesa da FIDAC, e os representantes da Union des Anciens Combattants Français résidant au Portugal, Maurício Carp e Eugénio Estrade. Nessa reunião tratou-se da próxima visita de Jacques Péricard, ficando definitivamente elaborado o respectivo programa (documento n.º 19). Deste fazia parte uma pequena cerimónia junto do Monumento aos Mortos da Grande

Guerra, visitas aos museus dos Coches e de Arte Antiga, passeio a Sintra e Cascais, cerimónia junto do Túmulo do Soldado Desconhecido, na Batalha, uma pequena digressão pelo norte do país, etc.

Formalidades legais obstaram a que o nosso ilustre visitante chegasse no dia marcado. Retido na estação de Vilar Formoso por falta de passaporte, só desembarcou em Lisboa no dia 8. O programa, porém, não foi alterado. O Comandante José Cabral e Faria Affonso foram ao seu encontro, acompanhando-o desde o Entroncamento. Na estação do Rossio aguardavam a sua chegada muitas individualidades em destaque no meio combatente, como por exemplo, o Coronel Travassos Valdez, Coronel Xavier da Costa, Major Barbosa de Magalhães, e os nossos camaradas Vincent, Carp, Estrade e Ferry.

Após os cumprimentos dirigiram-se todos os presentes para a sede da Liga, onde o Sr. Presidente da C.C.A. deu as boas-vindas ao camarada insigne que nos dava a honra da sua visita. A este discurso respondeu Jacques Péricard com palavras de agradecimento e de elogio para o sacrifício de Portugal na Grande Guerra, dizendo que o objectivo principal da sua vinda a estas paragens era a recolha de elementos para o seu livro *L'Artois - Les Flandres*.

À noite pronunciou o glorioso combatente, na Sociedade de Geografia, a sua primeira conferência, subordinada ao título: *Verdun*. A sala "Algarve" estava completamente cheia de um público selecto, onde se viam muitas senhoras, altas patentes do Exército e muitos combatentes de todas as classes sociais. A colónia francesa estava largamente representada. Ocupava a presidência o Ministro da Guerra, que tinha à sua direita o General Ferreira Martins e o Dr. José Pontes, e à esquerda o Cônsul de França e o Coronel Lopes Galvão.

Apresentou o conferente o nosso amigo Dr. José Pontes que, como sempre, imprimiu às

suas palavras grande calor e entusiasmo. A assistência premiou-o com uma prolongada salva de palmas.

De seguida, Jacques Péricard tomou a palavra. Durante quase duas horas fez passar diante da assistência, que atentamente o escutava, os dramáticos episódios dessa página épica que foi a defesa dos fortes de Verdun. Porém, como ele disse ao começar, não era a sua voz que falava, mas a de quatro milhões de franceses que defenderam a pátria querida. Contou como concebera o seu livro *Verdun*, e fez a leitura de muitas cartas e narrativas de humildes soldados, que o ilustram, e em que os lances de maior bravura são narrados com uma simpleza e ingenuidade comoventes.

No final, Jacques Péricard falou do objectivo da sua visita a Portugal, que é o de coligir materiais idênticos aos acabados de ler, para com eles fazer um livro que seja a história vivida da acção dos portugueses na Grande Guerra: *L'Artois - Les Flandres*.

Depois do ilustre conferente, que foi demoradamente ovacionado, usou da palavra, em francês, o General Ferreira Martins, para saudar em nome da Liga o antigo companheiro de luta e agradecer-lhe o altíssimo serviço que com o seu livro se propõe prestar a Portugal.

Acompanhado do Coronel Travassos Valdez, General Ferreira Martins e Faria Affonso, seguiu Jacques Péricard, no dia 9, para a Batalha e Coimbra, realizando à noite, nesta cidade, a sua anunciada conferência. Esta teve lugar no salão nobre da Associação Académica.

Presidiu o Dr. Prudêncio e Costa, que representava o Reitor da Universidade, o qual era secretariado pelo Dr. Costa Rodrigues e Capitão Dias Costa, representantes, respectivamente, do Governador Civil e Comandante da Região, General Ferreira Martins, Dr. Torres Garcia, pela Câmara Municipal, Dr. Jean Baptista Agaurone, do Instituto Francês, e António de Sousa, presidente da Associa-

ção Académica. Foi o Dr. Providência e Costa quem fez a apresentação do conferente, a quem elogiou como jornalista e combatente. Depois destas palavras, pronunciou Jacques Péricard a sua conferência, tendo no final recebido fartos aplausos. No dia imediato, pois o nosso hóspede não queria desperdiçar um só minuto, partiu para o Porto, acompanhado pelo Comandante José Cabral.

Após a sua chegada à estação, onde era aguardado por muitos combatentes e representantes das autoridades civis e militares, dirigiram-se todos para a sede da Agência da Liga, onde o Eng.º Custódio Guimarães lhe apresentou os cumprimentos de boas-vindas em nome dos associados daquele núcleo. Depois desta recepção, seguiu-se um passeio à Foz do Douro. O ilustre visitante e as individualidades que o acompanhavam foram recebidos na residência de M. Courteilles, por este e sua esposa, com prodigalidades de atenção e cortesia. No regresso, foi o nosso hóspede, sempre acompanhado por vários combatentes, entre os quais se viam o General Ferreira Martins e o Comandante José Cabral, visitar o Palácio da Bolsa, onde o presidente da Associação Comercial, António de Oliveira Calem, lhes ofereceu um cálice de velhíssimo “Porto”; e à noite realizou-se um jantar íntimo no *Grande Hotel*, a que assistiram representantes das associações de antigos combatentes estrangeiros e o Eng.º Custódio Guimarães.

Pelas 21 horas teve lugar a conferência. A sala de festas do Ateneu Comercial, instituto de nobres tradições culturais, que na capital do norte goza da mais justificada reputação, estava cheia dum público escolhido, onde predominavam os antigos combatentes, representantes das colónias estrangeiras e elementos oficiais; viam-se também muitas senhoras.

Presidiu Gualberto de Sá Carneiro, secretariado pelo Dr. Miguel Monteiro, presidente da Direcção do Ateneu, e Carlos Alberto

Martins, presidente da Assembleia-geral. Em lugares de honra sentavam-se muitas individualidades, como os cônsules da França, Bélgica, Checoslováquia, Jugoslávia, Roménia e Espanha, representantes dos antigos combatentes franceses, ingleses, belgas e italianos, autoridades civis e militares, etc.

Depois do General Ferreira Martins ter feito a apresentação do conferente, traçando o seu perfil de soldado e de homem de letras, Jacques Péricard tomou a palavra. Durante longo espaço de tempo manteve a atenção da assistência presa da sua evocação comovida dessas horas febris que os soldados franceses viveram em Verdun. Disse que a epopeia de Verdun anda descrita em muitos livros, mas que, em nenhum deles, a narrativa mais perfeita dá ideia aproximada da grandiosidade estranha que essa luta atingiu. E depois de afirmar que essa noção só pode ser colhida nos relatos simples e despretensiosos dos próprios que na luta tomaram parte, fez o elogio do soldado português na Grande Guerra, terminando por esboçar a orientação que pensa imprimir ao seu livro *L'Artois - Les Flandres*, onde a acção heróica do C.E.P. ocupará o melhor lugar.

As últimas palavras do orador foram sublinhadas com uma vibrante salva de palmas.

No dia seguinte houve uma pequena cerimónia junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra. Depois, o nosso hóspede, acompanhado de várias pessoas, partiu de automóvel para Viana do Castelo. Feita uma rápida visita à cidade e uma digressão ao Monte de Santa Luzia onde foi servido o almoço, regressaram todos ao Porto, tomando Jacques Péricard o comboio que o trouxe de novo a Lisboa.

Aqui, houve, no dia 14, uma cerimónia junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra, depois do que o herói do *Bois Brulé* tomou o *Sud* de regresso a Paris. As impressões que o nosso ilustre camarada levou da sua estada entre nós, eram resumidas na seguinte passa-

gem dum carta sua, dirigida dias depois ao secretário da L.C.G.G.:

- Il n'y a vraiment que les Portugais qui aient le sens de l'hospitalité.

Uma comissão presidida pelo General Ferreira Martins ficou encarregada de recolher os elementos que deviam servir de base ao seu trabalho sobre as tropas portuguesas na Flandres, e para o custeio das despesas dessa comissão contribuía o Ministério da Guerra com 4.500\$00.

Programa da visita a Portugal do combatente francês Jacques Péricard

Dia 7, às 17h40: chegada à estação do Rossio, no *Sud* acompanhado pelo Delegado da Liga, Comandante José Cabral, que o terá esperado na estação do Entroncamento. Hotel Avenida Palace às 20h00: jantar íntimo, na Garrett, oferecido pela Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Às 21h30: Teatro Nacional, dois camarotes para as mesmas entidades.

Dia 8, às 10h00: homenagem de Péricard junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra; visita ao Museu de Arte Antiga, ao atelier do Mestre Sousa Lopes, ao Museu dos Coches, aos Jerónimos. Segue acompanhado pelo Dr. Hernâni Cidade e Comandante José Cabral, para o Estoril (almoço às 13h00), Cascais-Sintra, e volta a Lisboa, por Maфра. Às 18h00: recepção, na sede da Liga (Porto de Honra). Fazem uso da palavra Coronel Valdez e Péricard. Às 20h00: jantar oferecido pelos combatentes franceses no *Foyer Franco-Belge*. Às 22h00: conferência na Sociedade de Geografia sob a presidência do Sr. Ministro da Guerra. Apresentação do conferente, a cargo do Dr. José Pontes (traje de passeio).

Dia 9, às 9h00: partida para as Caldas da Rainha, em automóvel, acompanhado pelo Coronel Travassos Valdez, Faria Affonso e

um combatente francês. Óbidos, Alcobaça, almoço e visita ao Mosteiro. Partida para a Batalha. Às 16h00: cerimónia junto do Túmulo do Soldado Desconhecido. Visita a Leiria. Às 20h00 chegada a Coimbra.

Às 21h00: jantar no Astória (devendo tomar parte o Presidente da Agência e um delegado da Associação Académica). Às 22h30: conferência no salão da Associação Académica.

Dia 10, às 10h00: visita ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra. Às 12h10: partida para o Porto, em caminho-de-ferro, acompanhado por José Cabral. Almoço no vagon-restaurant. Às 14h20: chegada ao Porto; Recepção na sede da Agência; Passeio à Foz e visita ao Palácio da Bolsa.

Às 20h00: jantar de cerimónia; Deve convidar-se um delegado do Ateneu Comercial. Às 22h00: conferência no Salão do Ateneu Comercial.

Dia 11, às 10h00: homenagem de Péricard junto do Monumento aos Mortos da Grande Guerra; Partida para Viana do Castelo; Almoço em St.^a Luzia, Braga, Bom-Jesus, Porto; Noite livre.

Dia 12, às 13h00: partida no *Sud*, para França, Comandante Cabral acompanhará Jacques Péricard até à fronteira.

Discurso proferido pelo Presidente da C.C.A. por ocasião da visita à sede da L.C.G.G. de Jacques Péricard

Péricard !

Vous êtes chez vous !

Et moi, j'ai le très grand honneur de vous recevoir dans cet accueillant foyer au nom de tous les membres de la Liga dos Combatentes qui délèguent en moi et m'autorisent à vous affirmer que cette maison est la votre tout aussi bien que celle de tous les Alliés, de tous ceux qui ont senti et souffert la plus

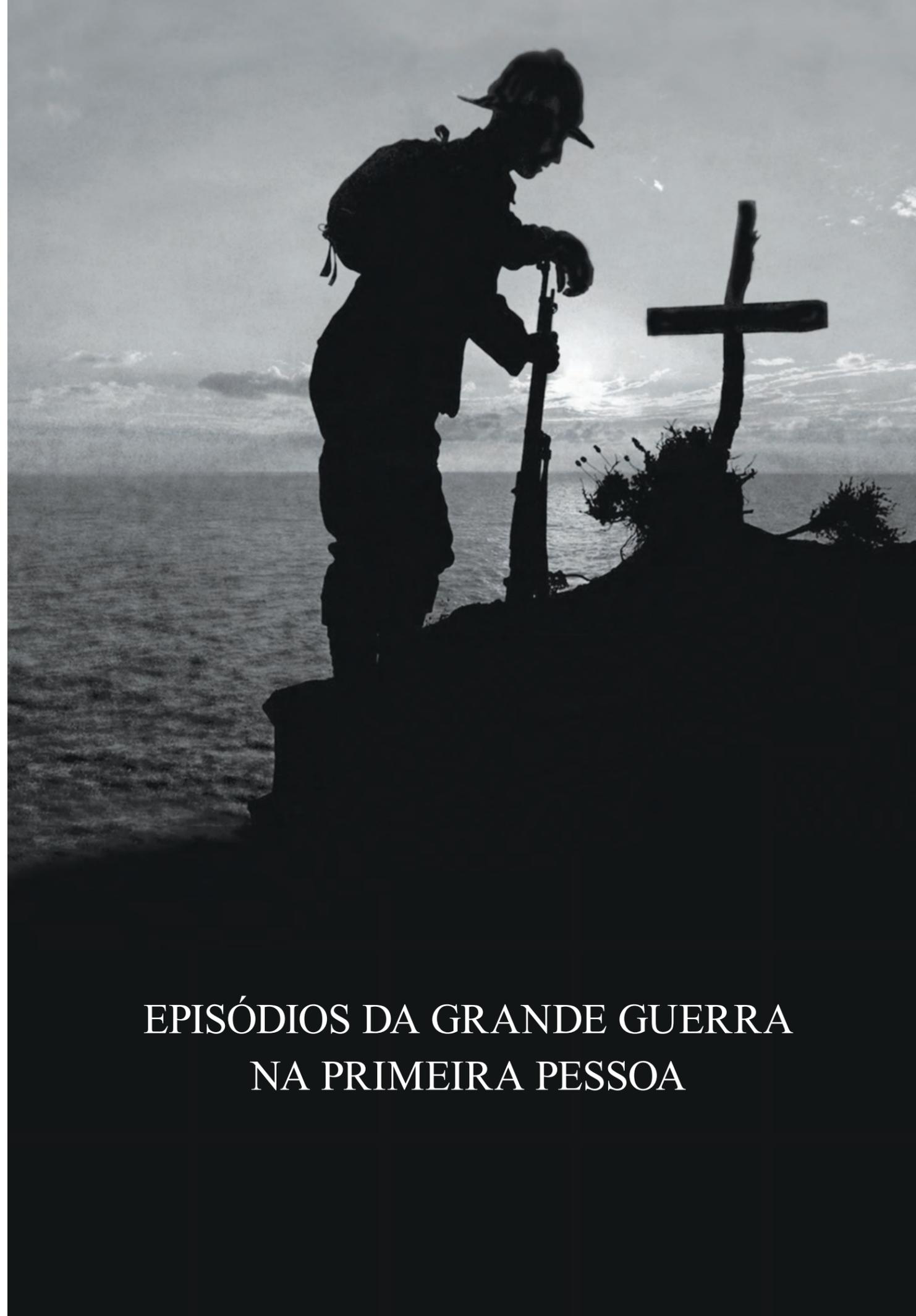
grande guerre de tous les temps. Mes affirmations, vous pouvez le croire, ne sont nullement protocolaires. Elles traduisent plutôt, dans toute son étendue, l'expression verbale et écrite d'un sentiment et d'une compréhension que nous voulons pétries avec la ferme et loyale solidarité qui nous anime et qu'il convient de raffermir avec une ferme assurance, dans l'incertitude de l'heure qui passe.

Parmi nous, qui possédons un peu de toutes les vertus et surtout, à l'état inné, le culte de la loyauté, vous ne vous trouverez pas hors de votre chère Patrie.

Le Portugal est, foncièrement hospitalier.

Ses frontières sont si vastes et si étendues dans le domaine de l'affectivité et de l'idéologie latines, que c'est en deçà d'elles et bien près de nous, entre nous, que se trouve présent à nos yeux, personnifiée dans le soldat vaillant que vous avez été et le citoyen méritoire que vous êtes, l'admirable, l'immortelle et l'auguste France, aux confins de laquelle, dans les Flandres, le Soldat Portugais a laissé, sur la blancheur immaculée de la neige, l'empreinte indélébile de son sang généreux!

Votre passage et votre court séjour dans cette maison commune à tous les Combattants, apportent et soudent un nouvel anneau à la grande chaîne que symbolise la camaraderie. Et, pour que cette camaraderie se rallume dans l'esprit de tous ceux qui touchent ce livre —notre Livre d'Honneur— tout comme sous l'Arc de Triomphe on ravive, en de touchantes cérémonies, la flamme qui éclaire la tombe dum Soldat Inconnu, je vous prie, Péricard, écrivez sur une de ses pages, la phrase célébré qui a consacré votre nom pour toujours, la phrase que nous savons par coeur, présente à nos esprits et avons au bout de nos lèvres, prête à être décochée: Debout les morts!~



EPISÓDIOS DA GRANDE GUERRA NA PRIMEIRA PESSOA

ÍNDICE

Exórdio, <i>Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues</i>	2
Mensagem do Presidente da Liga dos Combatentes, <i>Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues</i>	6
Um apelo aos Combatentes da Grande Guerra, <i>Dr. Hernâni Cidade</i>	8
Uma história da acção dos Portugueses na Grande Guerra, <i>General Ferreira Martins</i>	10
Visita a Portugal de Jacques Péricard.....	13

EPISÓDIOS DA GRANDE GUERRA NA PRIMEIRA PESSOA

Rosas Vermelhas - 9 de Abril de 1918, <i>Tenente Manuel José Lourenço</i>	20
A morte de dois portugueses, <i>Capitão Manuel da Silva Palma Mestre</i>	22
Impressões da Grande Guerra, <i>Alferes José Jorge</i>	24
De Cascais a Brest, <i>Capitão Luís António da Silva Tavares de Carvalho</i>	25
Dois dias memoráveis, <i>Tenente Porfírio Manuel de Paiva</i>	27
Lembro-me..., <i>Alferes Augusto Stegner Marques</i>	30
Episódio heróico, <i>Capitão Baltazar Simões Ferreira</i>	70
Recordando, <i>Tenente Porfírio Manuel de Paiva</i>	71
Quatro narrativas do CEP, <i>Manuel Apolinário Cunha</i>	73
Na “Terra de Ninguém”, <i>2.º Sargento Manuel Parente Novo da Cruz</i>	89
Peripécias de Guerra, <i>Major António Amaro Correia</i>	96
Relatório do Comandante da Patrulha de Reconhecimento, <i>Major António Amaro Correia</i>	109
Memórias de um Soldado, <i>Desconhecido</i>	111
Feito Prisioneiro, <i>José Henrique Ilhéu</i>	123
Terra de Ninguém, <i>Alferes José Brandão Pereira de Mello</i>	123
Alguns factos passados durante a Grande Guerra em França, <i>Júlio Teixeira da Rocha</i>	124
Na Grande Guerra - A 5.ª B.M.L., <i>Alferes Francisco Martins Galego</i>	125
Passagens da Grande Guerra, <i>Francisco José Foito</i>	128
Recordações da Guerra, <i>Alferes Francisco José Dentinho</i>	130
Factos da Grande Guerra, <i>José Dias</i>	133

Uma operação na Grande Guerra, <i>2.º Sargento António Graça</i>	135
Em honra dos defensores de La Couture, <i>Dr. Vasco Borges</i>	138
Episódios da Grande Guerra, <i>Major Manuel Jacinto Fortes</i>	141
Richebourg - Neuve Chapelle, <i>Major António Soares de Andrea Ferreira</i>	149
Nove de Abril, <i>Carlos Olavo</i>	151
Ecos da Grande Guerra na Flandres, <i>2.º Sargento Manuel Machado Rocha</i>	152
Cartas da Grande Guerra, <i>A. C.</i>	156
Uma retirada atribulada, <i>2.º Sargento Manuel Parente Novo da Cruz</i>	164
Fraternidade luso-francesa, <i>Sargento Horácio Augusto de Vasconcelos</i>	167
O “35”, <i>1.º Cabo Manuel Ascenso</i>	169
O Batalhão n.º 20 na Flandres, <i>Capitão J. R. Montenegro Carneiro</i>	170
Um pequeno resumo, <i>Manuel Fernandes</i>	182
Pequenos episódios da Flandres, <i>Tenente Joaquim de Figueiredo</i>	184
Momentos de Aflição, <i>2.º Cabo Manuel Joaquim da Silva</i>	187
Combate nas Trincheiras, <i>Joaquim José</i>	188
Um Ataque Alemão, <i>Capitão Manuel António Vieira</i>	188
Raid de 15 de Setembro de 1917, <i>Sargento Carlos Palmeiro</i>	192
Casos das Trincheiras, <i>Major Artur de Vasconcelos</i>	193
Era eu em França, <i>1.º Cabo José Lourenço</i>	194
A Noção do Dever, <i>Caetano Rosado</i>	195
Da ilusão pacífica do silêncio à guerra, <i>1.º Cabo António Bento</i>	196
Sempre os alemães, <i>2.º Sargento Manuel Monteiro</i>	197
Relatos da Grande Guerra, <i>1.º Sargento João Mendes Coelho</i>	198
A Brigada do Minho na Batalha de La Lys, <i>Capitão Manuel António Vieira</i>	200
9 de Abril de 1918 - Só a Morte me fará esquecer, <i>2.º Sargento Alfredo Augusto Lemos</i>	211
9 de Abril de 1918, <i>Sargento-ajudante António da Graça</i>	212
Os dias 9, 10 e 11 de Abril na Ambulância 4, <i>Major Francisco Cortês Pinto</i>	215
P’ra quem é este? <i>Alferes José Cabral Júnior</i>	217
A minha entrada na Bélgica, <i>2.º Sargento Manuel Monteiro</i>	218
Como os prisioneiros portugueses foram tratados na Alemanha, <i>Capitão António Braz</i>	220
Os portugueses como prisioneiros de guerra na Alemanha, <i>Capitão J. Montenegro Carneiro</i>	232
Depois do Armistício, <i>Tenente Porfírio Manuel de Paiva</i>	237
Carta de um Combatente, <i>Dr. Hernâni Cidade</i>	240
Mensagem do Marechal de França, <i>Ferdinand Jean Marie Foch</i>	242